

A boca do lobo

Publicação: [O Mundo em Português Nº61](#)

Data de Publicação: Fevereiro/Março de 2006

Autor: George Joffé

A convincente vitória do Hamas nas eleições legislativas palestinas não deveria ser uma surpresa, se bem que ninguém tivesse previsto resultado tão convincente. Os 76 lugares que ganhou, contra os 43 da Fatah, estão tão bem distribuídos que conquistou a maioria em nove das onze circunscrições eleitorais da Cisjordânia e em quatro das cinco da Faixa de Gaza.

Por outro lado, não é claro quantos lugares conquistados pela Fatah o foram pela Fatah Tanzim, o braço do movimento que apoia Marwan Barghouti, actualmente detido em Israel, muito próximo da liderança do Hamas e que, alegadamente, terá persuadido o movimento para que escolhesse a via eleitoral para chegar ao poder. Depois de consideráveis tensões internas, os dois ramos da Fatah concordaram na apresentação de uma lista comum, o que obscurece o verdadeiro apoio do partido. Por outras palavras, os problemas que a Fatah agora enfrenta podem ser maiores do que o que os números só por si sugerem.

As razões

Não é difícil identificar as razões da vitória. Há muitos anos que a Fatah e a sua liderança vêm sendo acusados de corrupção e complacência. Grande parte dos seus dirigentes, formados na OLP e maioritariamente retornados da Tunísia – os rijal Tunisi – lucraram muito com o processo de paz que se iniciou com os acordos de Oslo. Muitos deles, juntando o insulto à injúria, guardam as suas riquezas em bancos de Telavive e no estrangeiro. O seu comportamento era dificilmente aceitável, mesmo para os seus leais seguidores, e se Yasser Arafat, que não era, ele próprio, corrupto, tinha o prestígio para moderar o crescimento dos protestos, Mahmoud Abbas não tem.

De qualquer forma, muito antigos seguidores da Fatah, que sempre viveram nos territórios ocupados, não estavam preparados para tolerar estes comportamento, e foi deste movimento que nasceu, em meados dos anos 90, a Fatah Tanzim. Mais uma vez, Yasser Arafat foi capaz de preservar uma frágil unidade, o que o seu sucessor não consegue fazer, mesmo durante o pior período de repressão israelita dos últimos cinco

anos. Mas ele não foi capaz de conter a crescente vaga de raiva popular contra a ineficiência e a incompetência, já para não falar da corrupção da administração que dirigia, com um pulso cada vez mais fraco, das ruínas da Muqata em Ramallah.

Abbas não teve praticamente qualquer hipótese de tornear esta situação durante o último, e tumultuoso, ano. A sua administração, politicamente isolada pelo Ocidente porque não conseguia conter a violência palestina perante a repressão, e ignorada por Israel, também foi ineficiente, mal conseguindo manter a cabeça à tona de um caos cada vez maior, à custa de ajuda americana e europeia. Ele teve que manter o silêncio enquanto Ariel Sharon substituía unilateralmente o road map do Quarteto pela sua própria retirada unilateral de Gaza, esperando que pelo menos os palestinos fossem autorizados a garantir aí a segurança, após a partida das forças de segurança israelitas e dos colonos.

E depois, é claro, o caos ainda se complicou mais, propositadamente ou por acaso, quando alguns líderes palestinos tentaram levar o Hamas ao confronto, para desacreditar o seu potencial eleitoral. Pior ainda, Abbas não conseguiu fazer nada para impedir a anexação unilateral de território palestino por parte de Israel, através da construção do Muro de Separação. Por outro lado, ele, como todos os palestinos – algo que os governantes ocidentais parecem curiosamente ignorar – sabe quais são as reais intenções do Kadima, pois os túneis e as estradas também foram construídos para separar permanentemente os colonos e os palestinos.

Com efeito, 8.5% da Cisjordânia, a Oeste do Muro, tem que ser anexado, tal como o foram 9% a Oriente, onde se localizam os colonatos mantidos por Israel. Depois, mais 28.5% da região ao longo da Vale do Jordão também tem que ir, por razões de segurança. Ninguém, e certamente nenhum palestino, acredita que se possa construir um Estado nos remanescentes, e fragmentados, 54% da Cisjordânia. Tudo isto é a segunda razão que explica a retumbante vitória do Hamas. A terceira foi, pura e simplesmente, a terrível violência que Israel tentou usar para esmagar a resistência palestina nos últimos cinco anos. Desde o início da intifada al-Aqsa até hoje, morreram 992 israelitas e 3 708 palestinos. Até ao início de 2005, 5 522 casas palestinas foram destruídas, deixando sem abrigo mais de 22 000 palestinos, segundo a organização de direitos civis israelita Bet'selem.

Os números não reflectem a terrível violência dos últimos cinco anos, para a qual a Fatah não parecia ter qualquer remédio mas em relação à qual a invariável mensagem do Hamas oferecia a salvação psicológica da resistência inflexível. Mas os palestinos sabem bem que a Fatah tinha vindo a fazer compromissos, desde 1993, e receberam

muito pouco encorajamento para suportar as suas dores, o que bem precisavam. Muitos olham para o exemplo do Hezbollah, no Líbano, e vêem, erradamente, a retirada de Israel de Gaza como resultado da permanente resistência.

O que fará o Hamas?

Parece evidente que o Hamas está tão surpreendido como a Fatah, Israel e os Estados Unidos com a dimensão da sua vitória e ainda não definiu claramente como vai responder ao desafio de assumir a governação. Certamente que desejará demonstrar que no governo será incorruptível, como aparentemente o foi enquanto oposição e no seu papel de fornecedor de ajuda humanitária em Gaza, ao longo dos anos. Há receios de que venha a introduzir uma austeridade na vida pública que os palestinos dificilmente tolerarão e a comunidade cristã palestina receia pelo seu futuro.

O presidente Mahmoud Abbas declarou que se manterá no cargo, desde que qualquer governo que venha a tomar posse não seja adepto da violência – se bem que, como líder da Fatah, a sua posição seja, no mínimo, ambígua... Os líderes do Hamas, Ismail Hanyieh e Mahmoud al-Zahar, já afirmaram que procuram um governo de unidade nacional, apesar de essa hipótese ter sido rejeitada pela Fatah, que aparentemente prefere desempenhar o seu papel de oposição.

Ambos evitaram a questão das futuras relações com Israel, mas sabem que terão inevitavelmente que a abordar. Se a campanha eleitoral servir de referência, o Hamas irá, na prática, aceitar a realidade e lidar com os responsáveis israelitas numa base quotidiana, desde que a violência cesse, pois, caso contrário, será impossível administrar os territórios palestinos. Aliás, o Hamas já o sabe perfeitamente, devido à sua vitória nas eleições municipais de 2005. O porta-voz do Hamas declarou que as tréguas de facto do ano passado serão mantidas, desde que não haja violência e que Israel retire da Cisjordânia, como o fez da Faixa de Gaza. Existem já propostas para a integração das milícias do Hamas nas forças de segurança palestinas, mas, dado o papel que a Fatah aí desempenha, este deverá ser, no mínimo, um processo difícil. Assim, na prática, não há razão para presumir que a violência entre palestinos e israelitas irá aumentar – a não ser, como é óbvio, que Israel assim o queira.

O verdadeiro obstáculo é a carta do Hamas, que advoga a erradicação do Estado de Israel, algo que, muito provavelmente, a sua liderança não poderá apagar. Porém, mesmo o Sheikh Abdessalam Yacine, pouco antes de ter sido morto pelos israelitas, tinha sugerido que o Hamas poderia aceitar as realidades políticas, pelo que, na prática, alguma cedência é possível. Aliás, o facto de se manter o cessar-fogo há um ano aponta para que a violência não seja a única via do Hamas.

Choque e horror

Ironicamente, é provável que o maior problema resida nas atitudes do Ocidente e de Israel perante o choque político que sentiram. O governo israelita, após uma breve hesitação, durante a qual recusou fazer comentários, acabou, sem surpresas, por demonstrar o seu choque perante os resultados. Inevitavelmente, afirmou que não se relacionaria directamente com um governo do Hamas até que este ponha termo a toda a violência e reconheça o Estado de Israel.

Mesmo assim, as coisas podem não ser exactamente o que parecem, pois duas sondagens publicadas em Israel apontam para que quase metade dos israelitas querem agora uma solução negociada para o fim da violência. As sondagens foram realizadas antes de serem conhecidos os resultados finais das eleições, mas quando a vitória do Hamas já estava praticamente garantida. O jornal diário Yedioth Ahronoth relatou que 48% dos israelitas aprovaria negociações com um governo do Hamas, enquanto o seu rival Ma'ariv escrevia que 40% o aceitaria caso o Hamas renunciasse ao seu objectivo de destruir Israel.

As verdadeiras dificuldades, no entanto, parecem estar em Washington e Bruxelas. É certo que o Presidente Bush saudou o sucesso do processo democrático na Palestina, mas, simultaneamente, anunciou logo que não tencionava negociar com terroristas que advogam a violência e se recusam a reconhecer o Estado de Israel. Em seguida, os Estados Unidos ameaçaram suspender a ajuda à Autoridade Nacional Palestina se o governo do Hamas não cumprir os requisitos que exige.

A posição da União Europeia, confirmada pelo seu Representante Especial para o Médio Oriente, Marc Otte, tinha sido formulada alguns dias antes pelo Alto Representante para a Política Externa e de Segurança Comum, Javier Solana. Em Telavive, Solana tinha afirmado que uma vitória do Hamas levaria a União a reconsiderar a sua política de ajuda, «porque não se pode esperar que os contribuintes europeus paguem a violência». Os líderes europeus, particularmente os britânicos, rapidamente apoiaram esta posição.

O que esperar

A dificuldade é que, até à vitória do Hamas, tanto os europeus como os americanos expressaram claramente que a democracia no Médio Oriente era o seu principal objectivo. E os palestinos tomaram as suas decisões através de um acto eleitoral considerado livre e justo. Agora, os comentadores ocidentais descobriram subitamente que o processo eleitoral não foi, em si mesmo, uma prova suficiente de democracia.

Pelo contrário, proclamam agora que é necessária uma longa aprendizagem para desenvolver os «hábitos mentais» que acompanham o processo democrático – e que, presumivelmente, impossibilitam o sucesso eleitoral de um grupo como o Hamas. Se tal tivesse ocorrido, então não haveria nenhum problema de violência ou ameaça à existência de Israel, pois as verdadeiras democracias não advogam a existência de tais movimentos. Na verdade, é claro, isto é ignorar a história e o problema básico mantém-se exactamente igual.

As causas para as atitudes do Hamas e as razões para a sua vitória residem na duplicidade e desonestidade de Israel nas suas relações com os palestinos, pelo menos desde 1993, se não mesmo antes. Estão também na cobardia ocidental, que se recusa a confrontar o comportamento israelita, particularmente na Europa. E não se podem continuar a ignorar as distorcidas atitudes dos políticos americanos, impulsionadas pelos neo-conservadores e pela extrema-direita evangélica cristã. No final, desde que o comportamento do Hamas demonstre a sua sinceridade em relação à aceitação das realidades políticas, seja o que for que conste da sua carta, todos negociarão. Se não o fizerem, se retiverem os fundos e tentarem derrubar o Hamas do poder, acabarão por provocar a muito receada guerra civil nos territórios palestinos, criando uma ainda maior ameaça à estabilidade no Médio Oriente.